

---

## Cânones geográficos e fontes da história do pensamento geográfico e da geografia histórica

A continuação de um dossiê e os temas do número

Rafael Augusto Andrade Gomes

---



**Electronic version**

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/3356>

ISSN: 2316-7793

**Publisher:**

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

**Electronic reference**

Rafael Augusto Andrade Gomes, « Cânones geográficos e fontes da história do pensamento geográfico e da geografia histórica », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 10 | 2018, Online since 26 December 2018, connection on 14 November 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/3356>

---

This text was automatically generated on 14 November 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Cânones geográficos e fontes da história do pensamento geográfico e da geografia histórica

A continuação de um dossiê e os temas do número

Rafael Augusto Andrade Gomes

---

- 1 Eis que vem a lume *Terra Brasilis* 10. Apesar de a autoria deste texto editorial se restringir a um indivíduo, seria incorreto e, no limite, também injusto, atribuir todos os esforços da edição do décimo número da revista a uma pessoa. Feita essa oportuna observação, antes mesmo de apresentarmos as matérias que compõem o presente número, faz-se necessário elencar algumas mãos e mentes que também imprimiram seus esforços para tornar viável a apresentação desta edição da revista. Em primeiro lugar, pessoa com a qual dividi igualmente a edição dos textos que compõem o número, agradeço a Sergio Nunes Pereira pela generosidade em compartilhar as lições que aprendeu nos seus anos como editor da *Terra Brasilis*.
- 2 Por mais que estivéssemos na linha de frente da edição do volume, e novamente ressalto a relevância de Sergio Nunes na gestão de todo o processo, alguns erros e inconsistências persistem no processo editorial de revisão e padronização gráfica dos artigos. Tais equívocos não poderiam ter sido solucionados ou minorados sem a contribuição de outras pessoas, as quais serão brevemente reconhecidas nas linhas do parágrafo a seguir.
- 3 Meus agradecimentos a David Ramírez Palacios, a quem coube o exercício de conferir e assegurar que os textos e imagens estivessem conformes ao padrão adotado pela *Terra Brasilis*; em paralelo a essa tarefa, David Palacios também foi o responsável pela incorporação dos textos à plataforma digital que hospeda a base de dados *online* da revista. Não poderiam faltar os agradecimentos a três pesquisadoras, a saber: Carla Lois, Perla Zusman e Larissa Alves de Lira; todas elas, que são recorrentes colaboradoras da *Terra Brasilis*, investiram energia na tradução e revisão de passagens em espanhol e francês de alguns dos textos. Finalmente, e não menos importantes, registro os meus agradecimentos àqueles e àquelas que enviaram seus textos – alguns deles com

evidente ineditismo e contribuição inegável à geografia – para compor este número da revista.

- 4 Feitos os reconhecimentos pessoais, passemos às formas e conteúdos encontrados neste número. *Terra Brasilis* 10 contém quinze contribuições, que estão distribuídas em quatro seções com políticas e padrões editoriais bastante específicos: 1) Dossiê *Trajetórias de Geógraf@s* 2; 2) Artigos; 3) Documentos, mapas e imagens; 4) Resenha. Não há propriamente uma estratégia ou orientação rígida que permeie todas as quatro seções do número. Por outro lado, postas lado a lado e pensadas como um conjunto, algumas questões podem ser colocadas. Portanto, além de um convite à leitura das contribuições, este editorial tem o objetivo de salientar apenas algumas das muitas questões que a composição deste número da *Terra Brasilis* pode suscitar. Cabe alertar ao leitor que isso será feito sem a pretensão de abranger a totalidade das problemáticas tratadas e, obviamente, com a brevidade admitida pelo caráter introdutório de um editorial.
- 5 Dando continuidade às políticas editoriais da *Terra Brasilis* 9 (2017), o Dossiê *Trajetórias de Geógraf@s* 2 manteve a sugestão geral e flexível do plano de redação dos textos, que era composto por três partes. Duas delas coligiam dados biobibliográficos do geógraf@ analisado, com suas contribuições à prática e pensamento geográficos e sua inserção na disciplina; já na terceira parte era facultada ao autor da contribuição a escolha de uma temática para investigação pormenorizada. Alguns dos textos do dossiê contam, ainda, com a indicação de uma breve bibliografia fundamental (comentada ou não) do biografado. Antes de apresentar o dossiê, há de ressaltar que, diante da quantidade de propostas de pesquisa que visam à investigação de trajetórias de vida, será criada uma seção de “Trajetórias de Geógraf@s”, com política editorial específica, para a publicação de um ou dois textos por volume da *Terra Brasilis*.
- 6 Mais que simplesmente uma reunião de biografias aleatórias, o dossiê corresponde a um empreendimento seletivo de práticas, conceitos, períodos históricos e, sobretudo, autores para compor narrativas sobre a história do pensamento geográfico – processo que influi diretamente na construção de identidades disciplinares (Johnston & Sidaway, 2015). Embora não seja recente na crítica literária ou na história, a reflexão sobre a seleção de autores que merecem ser rememorados, as implicações da memória e do esquecimento e a maneira como a rememoração deve ser feita tem sido estimulada por parte da literatura geográfica *anglofônica* nos últimos anos.<sup>1</sup> A chamada discussão sobre as “geografias canônicas”. Segundo alguns dos propositores desse debate (Keighren *et al.*, 2012a), haveria uma tendência dos geógrafos humanos à rejeição de textos, indivíduos, ideias e práticas da tradição disciplinar geográfica; em comparação com a antropologia e a sociologia, raramente haveria compromisso de geógrafos com a investigação e o ensino da geografia produzida por seus fundadores.
- 7 Neste dossiê, apesar da aparência simples da noção de trajetória de vida,<sup>2</sup> as questões que se colocam são fundamentais. Mais que conhecer vidas até então desconhecidas, cabe a nós questionar com quais modelos pensamos as geografias passadas e se, nas práticas revisionistas das histórias que escrevemos, também não nos servimos de cânones tão ideologicamente manipuladores e excludentes quanto aqueles que tão veementemente criticamos. Afinal, e aqui reside um dos agudos pontos de divergência acerca das geografias canônicas, os cânones não se resumem à figura dos fundadores. Os cânones também podem desempenhar a função de um dispositivo de legitimação de comunidades e grupos associados que os alçaram à posição modelar de “geografia a ser

feita”. Em *Terra Brasilis* 9, um dos princípios de rememoração era suprir duas lacunas na organização do dossiê seguinte, ora publicado em *Terra Brasilis* 10: ampliar a representatividade de mulheres e de hispano-americanos.

- 8 A múltipla trajetória da geógrafa argentina Elena Chiozza é discutida por Guillermo Cicalese. Elena Chiozza, ao longo da segunda metade do século XX, participou de três campos de atuação: na pesquisa e docência universitária, no planejamento territorial e como editora de compêndios populares de geografia. Em sua investigação, Guillermo Cicalese identifica os atores com os quais Elena Chiozza interagiu nos três supracitados campos de atuação. Héctor Vargas, por outro lado, acompanha a carreira acadêmica da geógrafa Graciela Uribe Ortega no Chile, seus percalços durante a ditadura de 1973 e a retomada de sua carreira acadêmica no México nos anos 1980. A trajetória de Graciela Ortega se une a outras tantas, como a de David Harvey, que são marcadas por mudanças abruptas nas condições de produção do conhecimento geográfico.
- 9 Na mesma orientação da *Terra Brasilis* 8, o presente número faz ressoarem novos estudos sobre intelectuais com grande peso nos contextos regional e local. No texto de Edir Pereira, a produção geográfica do ensaísta paraense Eidorfe Moreira é discutida pormenorizadamente; àqueles que se dedicam à pesquisa em geografia e literatura (mas não só a eles!), as vinhetas escritas por Eidorfe Moreira na segunda metade do século XX podem contribuir para a oxigenação do campo. Já na contribuição de Gabriela Leles, que apresenta a imersão da autora na interpretação de documentos escritos e fontes orais, é apresentada a contribuição de Alcíde Jubé para o ensino de geografia no estado de Goiás no início do século XX. Ao mesmo tempo em que investiga os princípios teóricos de Alcíde Jubé, a autora tem por objetivo associá-los aos métodos e materiais disponíveis na Goiás de então para o ensino de geografia no Lyceu goiano.
- 10 Numa das importantes referências para a discussão sobre as geografias canônicas, Keighren *et al.* (2012a) ressaltam três aspectos relevantes sobre a definição dos cânones geográficos: i) diferença entre a noção de *clássico* e a de *cânone*; ii) as diversas concepções de canonicidade e como elas influem na pesquisa e na pedagogia da história da geografia; iii) e, por último, como o compromisso com os cânones, seja no ensino ou na pesquisa, contribui para o modelamento constante de consciências disciplinares na geografia.<sup>3</sup> Para os limites das questões que este editorial almeja ensinar no leitor, concentrar-me-ei no terceiro deles: o compromisso com os cânones no ensino e na pesquisa geográficos.
- 11 Embora seja relevante nos atentarmos a “quem” será contemplado por nossas histórias (mulheres/homens; latino-americanos/europeus/asiáticos/norte-americanos; entre outras denominações possíveis), as implicações metodológicas do modo “como” contamos estas histórias também merecem a atenção dos historiadores da geografia na escrita de suas narrativas. Do ponto de vista de alguns autores envolvidos no debate sobre as geografias canônicas (Keighren *et al.*, 2012a; Keighren *et al.*, 2012b), esse compromisso crítico<sup>4</sup> com o legado do passado da geografia pode abrir uma série de perspectivas para a investigação geográfica contemporânea. Tal compromisso, ainda no âmbito das geografias canônicas, corresponde ao reconhecimento de que os estudos de obras, autores e práticas-chave da história da disciplina estão enraizados em circunstâncias intelectuais, históricas e geográficas particulares.
- 12 Daí se justifica, no dossiê, o valor de artigos sobre geógraf@s estrangeiros de grande expressão no cenário geográfico latino-americano e mundial, tal como nos casos de Ellen Semple, Anne Buttimer e Derek Gregory. Fernando Coscioni, ao organizar os

elementos mais importantes da trajetória intelectual de Ellen Semple, apresenta a relevância desta geógrafa na consolidação institucional da antropogeografia nos Estados Unidos e o papel do *darwinismo social* nos seus textos de maior relevo. Ainda na esteira de geógrafos de língua inglesa com ampla recepção mundo afora, Verónica Hollman traça a trajetória de Derek Gregory das imaginações geográficas às geografias da guerra e o papel dos drones nos conflitos armados. Por fim, para completar a tríade anglofônica, Rafael Gomes (autor do presente editorial) propõe uma investigação do aporte teórico-metodológico legado por Anne Buttimer à história do pensamento geográfico. Tal legado, que pode ser sintetizado no projeto de entrevistas biográficas *Dialogue Project*, é mais amplo que sua associação corrente às abordagens fenomenológicas na geografia.

- 13 Para uma revista científica dedicada à história do pensamento geográfico e à geografia histórica, a lembrança e o esquecimento não são apenas duas simples palavras. Antes disso, elas remetem a dois processos intrincados, lembrar e esquecer, que estão associados a campos de disputa, negociação e contestação de múltiplas narrativas historiográficas da geografia. Os espaços e situações em que a definição do que merece ser lembrado e esquecido acontece – entre eles, o de uma revista científica – são permeados de controvérsias.<sup>5</sup>
- 14 A seção seguinte, de artigos gerais, possui seis textos. De maneira periférica, também podemos associar os trabalhos desta seção ao debate supracitado acerca das geografias canônicas. Quase sem exceção, o objeto de interesse dos autores aponta para uma valoração dos vestígios materiais (em geral, textuais e imagéticos). A opção pela investigação que se vale de imagens, sobretudo mapas, e livros para o desenvolvimento das análises é ilustrativo da importância da cultura material (particularmente dos objetos e de sua materialidade) para a fixação de indivíduos, práticas, conceitos e períodos considerados representativos da história da geografia.<sup>6</sup>
- 15 A partir de mapas e plantas de três exposições universais (Chicago, 1893; Paris, 1900; Nova Iorque, 1939), Carla Lois apresenta as modificações nas organizações destas exposições como expressão das variações da economia global, das tensões geopolíticas e dos valores culturais de cada época. Não somente como expressão, a autora investiga como a miniaturização dos mundos performava nas pessoas os mesmos efeitos que constituíram sua criação. Este texto se apresenta como um percurso-síntese da organização geopolítica da virada do século XIX para o século XX a partir do espaço interno das três referidas exposições.
- 16 Guilhem Labinal propõe uma análise da abrangência espacial das revistas *National Geographic* e da *Geo* entre o início dos anos 1980 e o final dos anos 2000. Além dos resultados em si, o autor se questiona a todo momento sobre como os recortes (Estado-Nação) utilizados para balizar as informações influem nos resultados. A investigação apresentada por Guilhem Labinal é, antes de tudo, um convite à reflexão metodológica para os estudos da mídia impressa.
- 17 O leitor pode sentir algum estranhamento ao encontrar dois artigos do mesmo autor em um número da *Terra Brasilis*. Em sua forma inicial, a contribuição de Guillermo Cicalese era constituída por texto único; ao se deparar com o volume do material, que extrapolava em demasia as orientações gerais do dossiê “Trajetórias de Geógraf@s”, o corpo editorial sugeriu ao autor a divisão da contribuição em duas partes: uma mais específica, incorporada ao dossiê, e outra, mais geral, na seção de artigos gerais. O texto mais geral apresenta um tema que tem se desenvolvido nos últimos anos: as geografias

populares. Tendo como principal referência a geógrafa Elena Chiozza, a qual tem sua trajetória discutida em minúcias no dossiê, Guillermo Cicalese examina compêndios geográficos populares e as associações diversas que possibilitaram sua criação: docência, pesquisa, artes, técnicas editoriais e comércio.

- 18 Como é de praxe nos números da *Terra Brasilis*, as conexões da história do pensamento geográfico e da geografia histórica com a história da cartografia são reconhecidas como relevante tópico de debate. Com base na aproximação política entre Brasil e Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960, Mauro Mello, Cláudio dos Santos e Marcelo Maranhão apresentam as diversas associações que justificaram e possibilitaram o extenso levantamento aerofotogramétrico do território brasileiro nas escalas 1:50.000 e 1:100.000. Além da prática do mapeamento, este texto ressalta a importância do conhecimento cartográfico do território para as ações de planejamento territorial das décadas seguintes – inclusive, para ações governamentais e empresariais iniciadas nos anos 2000.
- 19 A geografia histórica está representada pelos trabalhos de Patrício Carneiro e, em alguma medida, de Leonardo Civale. O primeiro propõe uma retomada de debates teórico-metodológicos caros à geografia histórica – entre eles, o dos limites disciplinares entre a geografia e a história e suas implicações específicas nos *estudos de caso*. Ademais, o autor expõe as fragilidades das abordagens históricas na geografia e aponta caminhos possíveis para que a geografia investigue a organização espacial em épocas pretéritas. O texto de Leonardo Civale, por sua vez, coloca em dúvida novamente os amplamente discutidos limites entre história da geografia e geografia histórica em sua análise do saber geográfico de Delgado de Carvalho no livro “História da cidade do Rio de Janeiro”. Segundo Civale, ao lermos o livro de Delgado de Carvalho, o passeio das “selvas exuberantes” até a “cidade civilizada” corresponde a um projeto historiográfico que apresenta a cidade do Rio de Janeiro como uma síntese da marcha do progresso – e que ganha corpo nas “formas de concreto” da cidade. Leonardo Civale aponta as fragilidades da história narrada por Delgado de Carvalho, que não considerou em sua obra as narrativas derrotadas, quando analisada à luz da filosofia da história.
- 20 Ao descreverem trajetórias no espaço, os indivíduos deixam marcas. Ivaldo Lima, ao seguir os rastros deixados pelas pegadas de Karl Haushofer, na seção *Documentos, mapas e imagens*, apresenta mais um exemplo da intrincada relação entre história da geografia, história da cartografia e a vida dos indivíduos que encarnam os personagens dessas histórias. O caminho percorrido por Haushofer, as pessoas com as quais ele se encontrou, os lugares por onde passou e o contexto histórico formado por essas conexões são utilizados por Ivaldo Lima para discutir brevemente os princípios da “cartografia geopolítica”. O desenvolvimento de um conjunto de códigos visuais característicos, segundo as reflexões de Ivaldo Lima, funda uma cultura visual particular, um modo de ver da “cartografia geopolítica” que prioriza os fluxos, a expansão territorial e o poder dos Estados Nacionais.
- 21 Em um passeio pelos números da *Terra Brasilis*, há algo que podemos notar com evidência: a baixa frequência de resenhas acadêmicas. Dos nove números da Nova Série da *Terra Brasilis* (2012-2017), há seis resenhas – distribuídas em apenas três números. Embora tenha vida precoce nas revistas e periódicos científicos do século XX no Brasil,<sup>7</sup> as resenhas de livros remontam ao século XIX e à necessidade de informar ao leitor sobre a qualidade dos livros num momento de expansão da cultura impressa na Europa. O que pode também ser discutido sobre este tipo de escrita acadêmica, além da função

avaliativa do período de sua expansão no século XIX, é a maneira como os livros, objetos centrais da resenha, viajam. Com certa frequência, observa-se o questionamento sobre um possível declínio dos livros como forma de comunicação do conhecimento em comparação aos artigos em periódicos científicos.

- 22 Daí a relevância da resenha de Guilherme Ribeiro sobre o livro de Wulf (2016) nas páginas da *Terra Brasilis*. Guilherme Ribeiro, ao se ater sobre as outras formas como a obra de Alexander von Humboldt foi recebida no Brasil, sobretudo as traduções para o português, coloca questões de longo alcance na história do pensamento geográfico: como as práticas de escrita e leitura dos geógrafos participam da imagem que temos de determinados autores? Como as imagens parcelares que construímos sobre o passado, a partir de pequenos textos traduzidos, participam da criação de certezas historiográficas? Ressalte-se, ainda, que o livro ora resenhado é mais uma demonstração de como uma pesquisa biográfica, quando amparada por fontes diversas, pode atribuir um novo sentido e *status* à noção de trajetória intelectual na historiografia das ciências.
- 23 É com grande satisfação que apresentamos este número da *Terra Brasilis*. Depois desta apresentação, esperamos que o leitor tenha sido instigado a percorrer trajetórias intelectuais, fontes imagéticas e textuais diversas que corporificam a história do pensamento geográfico e a geografia histórica que hoje praticamos. Para além do agrado dos leitores, também esperamos que as contribuições deste volume catapultem controvérsias e ampliem os horizontes da pesquisa e da docência nos cursos de geografia das instituições de ensino superior de todo o país (e, se possível, também fora dele).

---

## BIBLIOGRAPHY

Hubbard, Phil (2012). "The return of the living dead". *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, pp. 332-334.

Johnston, Ron; Sidaway, James (2015). "Have the human geographical can(n)ons fallen silente; or were they never primed?". *Journal of Historical Geography*, v. 49, pp. 49-60.

Keighren, Innes; Abrahamsson, Christian; della Dora, Veronica (2012a). "On canonical geographies". *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, pp. 296-312

Keighren, Innes; Abrahamsson, Christian; della Dora, Veronica (2012a). "On canonical geographies". *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, pp. 296-312.

Keighren, Innes; Abrahamsson, Christian; della Dora, Veronica (2012b). "We have never been canonical". *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, pp. 341-345.

Latour (1987), Latour. *Science in Action*. How to follow scientists and engineers through society. Massachusetts: Harvard University Press.

Maddrell, Avril (2012). "Treasuring classic texts, engagement and the gender gap in the geographical canon". *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, pp. 324-327.

Maddrell, Avril (2015). "To read or not to read? The politics of overlooking gender in the geographical canon". *Journal of Historical Geography*, v. 49, pp. 31-38.

Mayhew, Robert (2012). "On canons, cannons and the rapier". *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, pp. 313-316.

Monk, Janice (2012). "Canons, classics, and inclusion in the histories of geography". *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, pp. 328-331.

## NOTES

1. *Dialogues in Human Geography* (v. 3, n. 2, 2012).

2. A noção de trajetória de vida somente aparenta ser simples. Uma discussão incontornável da noção é feita por Bourdieu, Pierre (1986). "L'illusion biographique". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 62-63, pp. 69-72.

3. Conforme Mayhew (2012) ressalta, o cânone geográfico é definido e utilizado recorrentemente para definir fundadores de subdisciplinas e entendimentos do escopo, da natureza e dos propósitos da geografia.

4. Do inglês: critical engagement. Para um exemplo na historiografia feminista, vide: Maddrell (2012, 2015), Monk (2012) e Hubbard.

5. Controvérsia no sentido utilizado por Bruno Latour (1987): momento de dissenso que antecede o fechamento das caixas-pretas; ao se tornarem caixas-pretas, as controvérsias deixam de existir e as associações heterogêneas entre os atores humanos e não-humanos deixam de ter evidência.

6. Sobre a relevância da cultura material na fixação de cânones, vide Withers (2012), Charles. "Geography's evolving traditions and textual critique". *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, pp. 317-320.

7. A Revista Brasileira de Geografia (RBG) e o Boletim Geográfico (BG), ambas publicações organizadas no seio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possuem seções de resenhas de livros em seus primeiros números: "Comentários" (RBG, 1939) e "Registros e comentários bibliográficos" (BG, 1943). Isso se nos restringirmos somente a esses dois importantes periódicos da geografia brasileira em meados do século XX.

---

## AUTHOR

**RAFAEL AUGUSTO ANDRADE GOMES**

Editor Convidado